



CHE GUEVARA E CARLOS MARIGHELLA: DOIS REVOLUCIONÁRIOS, UMA IDEOLOGIA

Tamires da Silva Cordeiro¹

Resumo

O século XX foi marcado por revoluções e movimentos de luta por todo mundo, inclusive na América Latina, pautados na bipolaridade produzida pela Guerra Fria e no embate entre comunismo e capitalismo. Neste contexto iremos tratar de duas personalidades que se envolveram neste período de modo radical ao dedicarem suas vidas em prol de uma ideologia em comum, Ernesto Che Guevara, revolucionário argentino mundialmente conhecido, e Carlos Marighella, também revolucionário tendo atuado no Brasil tanto como político do PCB quanto como guerrilheiro urbano durante a ditadura militar no Brasil. Com base nisto este trabalho vai destacar o momento em que ambos se distanciam das diretrizes impostas pela URSS ao movimento comunista latino americano e irão propor a luta armada como alternativa de combate ao imperialismo e ao sistema capitalista em países do terceiro mundo.

Palavras-chave: Che Guevara; Carlos Marighella; América Latina

Introdução

O presente trabalho busca demonstrar, através da análise da vida de dois revolucionários latino americanos, um período de efervescência política e ideológica no mundo. Será destacado o pós Segunda Guerra Mundial, momento este em que EUA e URSS emergem como as duas grandes potências mundiais antagônicas, mas que por razões diversas passam a evitar o confronto direto. É neste contexto que Che Guevara e Marighella atuarão e escolherão uma via em comum como maneira de combater os regimes capitalistas no terceiro mundo².

Este paralelo feito entre essas duas personalidades tem como finalidade se utilizar da já bem conhecida vida de Che Guevara para apresentar Carlos Marighella, lembrando que este exercício aqui proposto só se torna possível pela identificação entre ambos no que se refere às suas ideologias e atitudes em determinado momento histórico, onde dentro do movimento comunista irão tomar atitudes de independência em relação às diretrizes

¹Pós-graduada em História Antiga e Medieval (Lato sensu) pelo Núcleo de Estudos da Antiguidade - NEA, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Graduada em História pelo Centro Universitário Augusto Motta - UNISUAM. Trabalho apresentado como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em História, tendo como orientadora a professora doutora Adriana Patrícia Ronco, Rio de Janeiro/2014. Email: tamires.amarna@hotmail.com

² Países em desenvolvimento que não faziam parte nem dos países desenvolvidos capitalistas nem do blocosocialista encabeçado pela URSS.

definidas aos Partidos Comunistas de todo o mundo pela União Soviética. Vale ressaltar ainda neste momento a ascensão da ideologia maoísta³, que fará, principalmente a partir da década de 60, oposição à política externa soviética de coexistência pacífica com os EUA e representará uma nova via dentro do movimento da esquerda mundial influenciando o pensamento de Che e Marighella.

Portanto o recorte histórico que será objeto de nosso estudo será a década de 60, período este em que ambos estarão no auge de suas ações revolucionárias de combate ao imperialismo e ao sistema capitalista, adotando a prática da luta armada como instrumento de confronto e como via para se chegar à revolução socialista. Che, comandante vitorioso na Revolução Cubana, irá liderar movimentos guerrilheiros no Congo e Bolívia, onde será morto. Marighella, comunista de longa data, se distanciará do PCB⁴ e criará a ALN (Aliança Libertadora Nacional), movimento urbano de luta armada que irá combater a ditadura militar no Brasil, culminando com sua morte em 1969 por forças do regime.

Che Guevara

Nascido em Rosário, Argentina em 14 de junho de 1928. Aos dois anos de idade já sofria os ataques de asma. Sua mãe era a responsável pela a sua educação. Mesmo tendo uma educação católica se mantinha em casa um ambiente de esquerda. Estudou medicina na Universidade de Buenos Aires, onde se especializa em doenças alérgicas. Com 25 anos deixa sua cidade para percorrer quase toda América Latina de motocicleta com o seu amigo Alberto Granado. Num novo percorrido pela América Latina ficou oito meses e meio na Guatemala, conheceu a peruana Hilda Gadea, sua primeira esposa. Seu sonho era conhecer Tikal, localizada em Petén, uma antiga cidade Maia situada na Guatemala, mas não pode devido a sua asma que podia ser prejudicada com a altitude do local, restringindo sua visita aos povoados próximos ao lago Atitán.

Estas viagens pela América Latina reforçaram os seus ideais socialistas e deram uma base de conhecimento da realidade dos povos indígenas e das classes mais pobres dos diversos países que ele visitou. Casa-se no México com Hilda onde nasce sua primeira filha e conhece Raúl e Fidel Castro em julho de 1955. Em novembro de 1956 parte no barco Granma com vários revolucionários entre eles Fidel Castro tendo como destino Cuba. Participa da guerra popular contra a ditadura de Fulgêncio Batista, o movimento se inicia na SierraMaestra e a medida que as tropas revolucionárias avançam vão ganhando apoio da população.(CASTAÑEDA,1997)

³ Doutrina do líder comunista chinês Mao Tsé-Tung pautada na organização da classe camponesa como classerevolucionária. Posteriormente também agrega a teoria da revolução cultural como maneira de agilizar astransformações da sociedade socialista.

⁴ Partido Comunista Brasileiro.

Dentre os apoiadores do movimento de Castro havia também a participação do Partido Socialista Cubano fundado por José Martí e da Frente Estudantil Revolucionária. A essa altura Che transforma-se em comandante e se torna responsável pela coluna que tomou a cidade de Santa Clara, uma das principais de Cuba. O interessante a ser destacado é que inicialmente Che Guevara é recrutado para desempenhar papel de médico durante os conflitos, porém no dia-a-dia mostra sua capacidade e se destaca por sua liderança até chegar a ser nomeado comandante.

O ditador Batista foge de Cuba e assim tem início o processo de transformações sociais no país como a reforma agrária e urbana. Che participa do governo ocupando alguns cargos importantes como Ministro do Comércio e Indústria e Presidente do Banco Central. Em 1964 participa da plenária da ONU fazendo um discurso antiimperialista e dando apoio à luta do Vietnã.

Abandona seus cargos em 1965 e parte para o Congo com cerca de 100 cubanos internacionalistas a fim de auxiliar na luta pela independência do país e combater o imperialismo. Porém devido ao seu desconhecimento sobre o local Che fracassa nessa tentativa e muitos de seus homens são mortos. Em seguida parte para a Bolívia onde novamente estabelece um grupo armado adotando táticas de guerrilha rural a fim de instalar um governo socialista na América Latina. Sem o apoio do Partido Comunista da Bolívia e dos camponeses locais, Che e seu grupo fracassam novamente e ele é morto em 1967 por soldados do exército boliviano auxiliados por agentes da CIA.(PCBR.org,2010)



Captura de Che: Bolívia – 1967.

Carlos Marighella

Nascido em Salvador, Bahia em 5 de dezembro de 1911, filho de um imigrante italiano e de uma negra descendente dos haussás. Era filho de um mecânico mas não tinha interesse nenhum pela profissão do pai, aos 4 anos de idade já conseguia ler, o que deixou seu pai feliz. Geografia e História eram as matérias em que suas notas eram as maiores. Desde adolescente tinha interesse pelas lutas sociais, no ginásio já escrevia poemas, em março de 1931 na colação de grau obteve o título de bacharel onde se habilitou para ser professor do ensino ginásial. Entrou para a Escola Politécnica da Bahia para cursar engenharia civil, curso que não chegou a completar, e se tornou militante do Partido Comunista no ano de 1934. Sua trajetória foi marcada desde cedo por prisões como a ocorrida dois anos antes devido a uma carta de crítica ao interventor Juracy Magalhães, tendo se mudado para o Rio de Janeiro após ser solto.

Em 1º de Maio de 1936 durante o período da ditadura de Getulio Vargas, foi preso por subversão e torturado pela polícia de Filinto Muller onde ficou preso por um ano. Após sair da prisão entra para a clandestinidade onde é novamente preso e torturado em 1939, ficando encarcerado até 1945, quando é beneficiado com a anistia pelo processo de redemocratização do país. Elege-se deputado Federal Constituinte pelo PCB baiano em 1946 e perde o mandato em 1948, devido a repressão do governo Dutra contra os comunistas. Devido a este fato vive na clandestinidade por mais de duas décadas até sua morte. Foi convidado pelo CC (Comitê Central) do PCB a passar os anos de 1953 e 1954 na China a fim de conhecer mais a fundo a revolução chinesa. Em 1960 era diretor do jornal "hoje", jornal diário do Rio de Janeiro para apoiar a candidatura a presidência da república do general Henrique Lott contra a de Jânio Quadros.(MAGALHÃES, 2012)

Após o golpe militar foi baleado e preso pelo DOPS enquanto estava em uma sessão no cinema Esky Tijuca, sendo libertado em 1965 por decisão judicial. Em 1967 opta pela luta armada contra a ditadura escrevendo "A crise brasileira", um trabalho teórico de Marighella de 1966 que expõe seu descontentamento com o PCB e a estrutura de classes do Brasil. Devido à sua crítica ao Partido neste artigo é expulso em 1967.

A forma de luta principal no atual período é a luta de resistência de massas com suas mil e uma particularidades. E o partido deve ser o chefe da oposição popular, para não ficarmos a reboque da oposição burguesa, que, como tudo indica, procurará ir adiante, tentando arrastar-nos na sua retaguarda. Não podemos abandonar a luta pela liderança da oposição popular, o que seria uma renúncia imperdoável em face da disputa da hegemonia na condução dos destinos do povo brasileiro. Devemos, por isso, ser firmes lutadores da resistência, incansáveis no combate à ditadura. (MARIGHELLA, 1966)

Devido ao seu rompimento com o Partido Comunista, funda a ALN (Ação Libertadora Nacional) onde começam os assaltos em que, segundo Marighella, o dinheiro era tirado da

burguesia para o combate à ditadura pois queriam apenas o dinheiro dos donos de banco, enquanto do povo não os interessava.(DOPS, São Paulo,1970)Era usado inclusive o termo “expropriação” ao invés de “assalto”. Estes passaram a ser frequentes e Marighella ficou conhecido, junto de seus aliados, como terroristas, tornando-se assim o inimigo número um da ditadura. Em junho de 1969Marighella conclui o Mini Manual do Guerrilheiro Urbano onde haviam dicas para luta nas cidades. Incluía guerra de guerrilhas de Che Guevara em seu manual.

O guerrilheiro urbano é caracterizado por sua valentia e sua natureza decisiva. Tem que ser bom taticamente e ser um líder hábil. O guerrilheiro urbano tem que ser uma pessoa preparada para compensar o fato de que não tem suficientes armas, munições e equipe. (MARIGHELLA. 1969. pp. 4-5)

Em agosto de 1969 organiza a invasão à Rádio Nacional em São Paulo com 12 guerrilheiros, como fundo musical foi posto o hino da internacional comunista e o hino nacional. A gravação anunciou o nome de Carlos Marighella e reproduziu o manifesto lido por ele. A rádio ficou em poder dos guerrilheiros durante meia hora, na mensagem revolucionária o povo era chamado a lutar contra o regime militar. No mês seguinte, em setembro de 1969 a ALN, em uma ação conjunta com o Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8),sequestram o embaixador norte-americano Charles Elbrick em troca de presos políticos. Guerrilheiros invadem o carro do embaixador e o levam para uma casa na Barão de Petrópolis, os guerrilheiros exigiam a liberdade de 15 presos sendo estes:Luís Travassos, José Dirceu e Vladimir Palmeira, líderes estudantis; José Ibrahim, líder sindical operário; Flávio Tavares, jornalista; Gregório Bezerra, dirigente do PCB em Pernambuco e um dos primeiros presos após o golpe militar; Onofre Pinto, dirigente da VPR e ex-militar; Ricardo Vilas Boas, músico e integrante da Dissidência/MR-8; Ricardo Zaratini, engenheiro ligado a movimentos sindicais do Nordeste; Rolando Fratti, do PCB; Agonalto Pacheco, da ALN; Mário Zanconato, do COLINA;Ivens Marchetti, do MR-8; Leonardo Rocha, da ALN e a única mulher do grupo, Maria Augusta Carneiro, do MR-8 e da Dissidência. Além disso, deram 48 horas para a ditadura libertar os presos, caso contrário o embaixador seria morto. Os EUA entram em contato com o Brasil para aceitar as reivindicações dos guerrilheiros. Foi feita uma carta - manifesto que pedia a libertação dos presos em troca do embaixador, escrita por Franklin Martins e com a supervisão de Joaquim Câmara, estes assumiam a autoria do sequestro e denunciavam os crimes e torturas da ditadura. A carta foi lida em meios de comunicação, rádio e televisão e os revolucionários comemoravam o feito como uma vitória contra o regime militar. (GORENDER,1987)

Segue abaixo seu conteúdo:

Grupos revolucionários detiveram hoje o sr. Charles Burke Elbrick, embaixador dos Estados Unidos, levando-o para algum lugar do país, onde o mantêm preso. Este ato não é um episódio isolado. Ele se soma aos

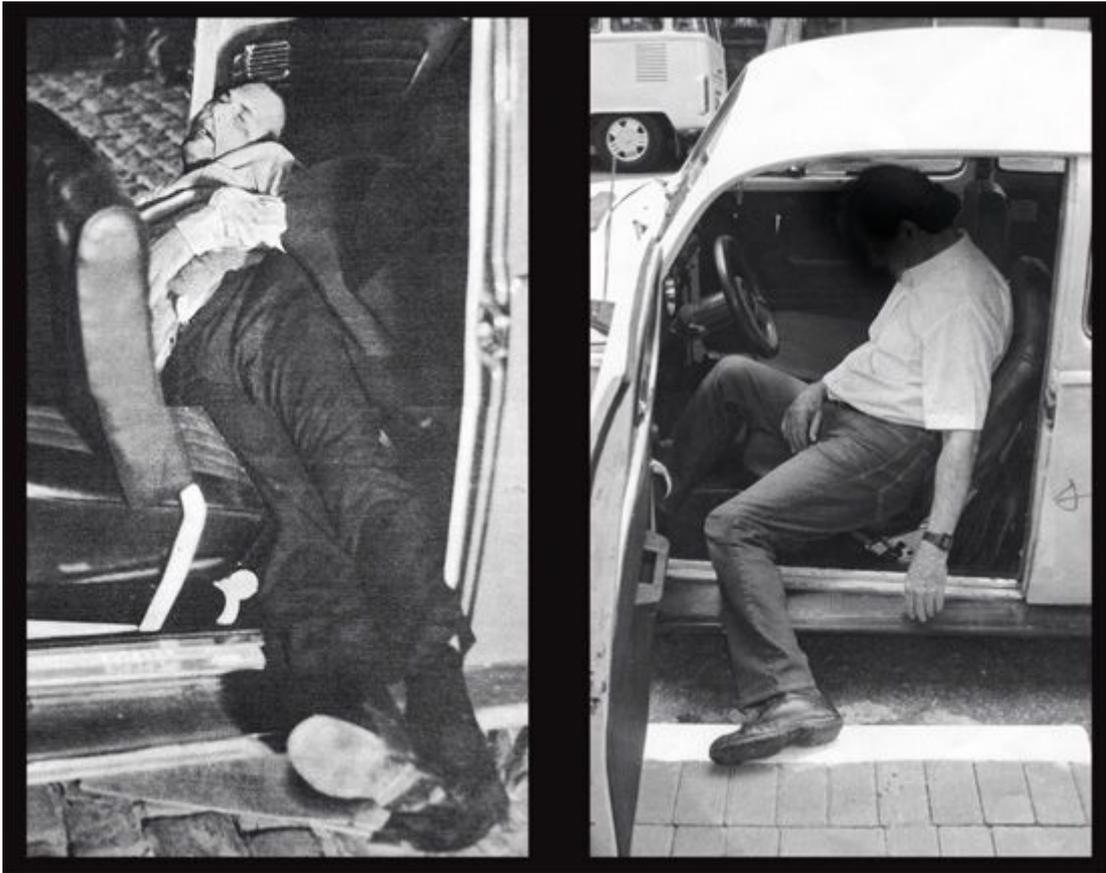
inúmeros atos revolucionários já levados a cabo: assaltos a bancos, nos quais se arrecadam fundos para a revolução, tomando de volta o que os banqueiros tomam do povo e de seus empregados; ocupação de quartéis e delegacias, onde se conseguem armas e munições para a luta pela derrubada da ditadura; invasões de presídios, quando se libertam revolucionários, para devolvê-los à luta do povo; explosões de prédios que simbolizam a opressão; e o justicamento de carrascos e torturadores. Na verdade, o rapto do embaixador é apenas mais um ato da guerra revolucionária, que avança a cada dia e que ainda este ano iniciará sua etapa de guerrilha rural. Com o rapto do embaixador, queremos mostrar que é possível vencer a ditadura e a exploração, se nos armarmos e nos organizarmos. Apareceremos onde o inimigo menos nos espera e desapareceremos em seguida, desgastando a ditadura, levando o terror e o medo para os exploradores, a esperança e a certeza da vitória para o meio dos explorados. O sr. Burke Elbrick representa em nosso país os interesses do imperialismo, que, aliados aos grandes patrões, aos grandes fazendeiros e aos grandes banqueiros nacionais, mantêm o regime de opressão e exploração. Os interesses desses consórcios de se enriquecerem cada vez mais criaram e mantêm o arrocho salarial, a estrutura agrária injusta e a repressão institucionalizada. Portanto, o rapto do embaixador é uma advertência clara de que o povo brasileiro não lhes dará descanso e a todo momento fará desabar sobre eles o peso de sua luta. Saibam todos que esta é uma luta sem tréguas, uma luta longa e dura, que não termina com a troca de um ou outro general no poder, mas que só acaba com o fim do regime dos grandes exploradores e com a constituição de um governo que liberte os trabalhadores de todo o país da situação em que se encontram. Estamos na Semana da Independência. O povo e a ditadura comemoram de maneiras diferentes. A ditadura promove festas, paradas e desfiles, solta fogos de artifício e prega cartazes. Com isso, ela não quer comemorar coisa nenhuma; quer jogar areia nos olhos dos explorados, instalando uma falsa alegria com o objetivo de esconder a vida de miséria, exploração e repressão em que vivemos. Pode-se tapar o sol com a peneira? Pode-se esconder do povo a sua miséria, quando ele a sente na carne? Na Semana da Independência, há duas comemorações: a da elite e a do povo, a dos que promovem paradas e a dos que raptam o embaixador, símbolo da exploração. A vida e a morte do sr. embaixador estão nas mãos da ditadura. Se ela atender a duas exigências, o sr. Burke Elbrick será libertado. Caso contrário, seremos obrigados a cumprir a justiça revolucionária. Nossas duas exigências são: a) A libertação de quinze prisioneiros políticos. São quinze revolucionários entre os milhares que sofrem as torturas nas prisões-quartéis de todo o país, que são espancados, seviciados, e que amargam as humilhações impostas pelos militares. Não estamos exigindo o impossível. Não estamos exigindo a restituição da vida de inúmeros combatentes assassinados nas prisões. Esses não serão libertados, é lógico. Serão vingados, um dia. Exigimos apenas a libertação desses quinze homens, líderes da luta contra a ditadura. Cada um deles vale cem embaixadores, do ponto de vista do povo. Mas um embaixador dos Estados Unidos também vale muito, do ponto de vista da ditadura e da exploração. b) A publicação e leitura desta mensagem, na íntegra, nos principais jornais, rádios e televisões de todo o país. Os quinze prisioneiros políticos devem ser conduzidos em avião especial até um país determinado - Argélia, Chile ou México - , onde lhes seja concedido asilo político. Contra eles não devem ser tentadas quaisquer represálias, sob pena de retaliação. A ditadura tem 48 horas para responder publicamente se aceita ou rejeita nossa proposta. Se a resposta for positiva, divulgaremos a lista dos quinze líderes revolucionários e esperaremos 24 horas por seu transporte para um país seguro. Se a resposta for negativa, ou se não houver resposta nesse prazo, o sr. Burke Elbrick será justicado. Os quinze companheiros devem ser libertados, estejam ou não condenados: esta é uma "situação excepcional". Nas "situações excepcionais", os juristas da ditadura sempre arranjam uma

fórmula para resolver as coisas, como se viu recentemente, na subida da junta militar. As conversações só serão iniciadas a partir de declarações públicas e oficiais da ditadura de que atenderá às exigências. O método será sempre público por parte das autoridades e sempre imprevisto por nossa parte. Queremos lembrar que os prazos são improrrogáveis e que não vacilaremos em cumprir nossas promessas. Finalmente, queremos advertir aqueles que torturam, espancam e matam nossos companheiros: não vamos aceitar a continuação dessa prática odiosa. Estamos dando o último aviso. Quem prosseguir torturando, espancando e matando ponha as barbas de molho. Agora é olho por olho, dente por dente.- Ação libertadora Nacional (ALN) e Movimento Revolucionário oito de outubro (MR-8). (<https://www.marxists.org/portugues/tematica/1969/09/04.htm>.)

Essa carta explicita bem a ideologia de Marighella, pois apresenta as intenções e táticas revolucionárias adotadas pela ALN, onde se utilizavam de meios violentos para combater a ditadura militar. Tal estratégia era considerada necessária por estar se enfrentando um regime de repressão total que praticava cada vez mais torturas e assassinatos de seus opositores. Além disso percebe-se a intenção do grupo em estabelecer uma guerrilha rural nos moldes maoístas e próximos da ideologia de Che Guevara, como o foquismo. O fato desta carta ter sido lida em rede nacional significa um grande feito por parte de seus realizadores, onde num período de falta de liberdade de imprensa um movimento de esquerda consegue expor sua ideologia sem restrições de censura e assim se fazer ouvido pela população em todo o país.

Com as ações cada vez mais ousadas por parte dos movimentos de luta armada, o governo intensifica seu combate aos guerrilheiros e no dia 4 de novembro de 1969 Carlos Marighella é morto por agentes do DOPS em uma ação coordenada pelo delegado Sérgio Paranhos Fleury, na cidade de São Paulo. Marighella, líder da ALN paga o preço com sua vida pelo seu combate à ditadura militar no Brasil e sua opção pela luta armada como forma de enfrentamento.

A ocasião da morte do guerrilheiro ainda hoje está imersa em controvérsias, com muitas versões para o mesmo fato. O que é certo é que o DOPS se utilizou do sequestro de frades dominicanos que tinham relações com a ALN e os obrigaram a marcar um encontro com Marighella.(DOPS, APERJ -1969)Chegando ao local, na Alameda Casa Branca, em São Paulo, os policiais o surpreenderam e o executaram com quatro tiros, tendo sido alterada a cena do crime.



Primeira imagem: posição que os policiais colocaram Marighella

Segunda imagem: após os tiros, como realmente teria sido morto. Revista ISTOÉ 2012.

Sergio Jorge, fotógrafo da época para a revista ISTOÉ, numa reportagem feita em 2012 sobre o tema declarou:

“Foi tudo uma farsa”, revela agora à ISTOÉ Sérgio Jorge, que está com 75 anos. “Eu vi os policiais colocando o Marighella no banco de trás do carro”. Naquela noite, Jorge estava no Estádio do Pacaembu à espera dos melhores ângulos de um Corinthians x Santos quando ficou sabendo da morte do guerrilheiro. Ele abandonou o estádio antes mesmo de a notícia ser confirmada pelos alto-falantes do Pacaembu e recebida com um urro de comemoração pela torcida. Acompanhado de outros quatro fotógrafos, Jorge chegou à alameda Casa Branca pouco depois das 20 horas. O que ele viu ali – e foi proibido de documentar – era diferente do que aparece na famosa foto estampada depois nas páginas da “Manchete” e em dezenas de outras publicações. Jorge está decidido a contar para a Comissão da Verdade, que o governo federal vai instalar no próximo mês, a armação que testemunhou. Já foi pensando nisso que, no mês passado, com a ajuda de um amigo que serviu de modelo e um fusquinha emprestado, Jorge procurou reproduzir numa nova foto exatamente o que presenciou no dia 4 de novembro de 1969. O resultado é a segunda cena da página anterior, à direita: o amigo de Jorge, representando Marighella, ocupa o banco da frente do carro, numa posição distinta daquela que a polícia fez questão de espalhar. Eram os anos de chumbo e havia muita coisa para ser escondida[...] Durante mais de 40 anos, Jorge remoeu os fatos daquela noite, que é capaz de reconstituir em detalhes. Ele e os outros fotógrafos, logo que chegaram à alameda Casa Branca, foram recebidos aos gritos

pelo temido delegado do Dops, Sérgio Paranhos Fleury, o homem que comandou o cerco a Marighella. “Não quero ouvir um clique! Todos encostados no muro, com as máquinas no chão!”, ordenou Fleury. Ninguém ousou desobedecer. “Era uma loucura, ficamos vendo tudo aquilo acontecer sem poder registrar nada”, diz Jorge. Marighella estava no banco da frente, com uma perna para dentro do carro e outra para fora, os dois braços caídos e quase nada de sangue na roupa. Três policiais retiraram o corpo do fusca (veja reconstituição acima) e o deitaram na calçada. Abriram a calça de Marighella e revistaram seus bolsos. Tentaram, então, recolocá-lo no banco de trás. “Mas não conseguiam e foi preciso que um dos policiais desse a volta no automóvel e puxasse o corpo para dentro.” A ação durou cerca de 40 minutos até que os fotógrafos foram autorizados a fotografar. Chegando perto do carro, Sérgio Jorge pôde ver que havia uma pasta atrás do banco dianteiro e, sobre o assento de trás, uma peruca e uma capa. Na presença de Sérgio Jorge e dos demais fotógrafos, os policiais, sem nenhum constrangimento, encenavam um número que viria a se tornar corriqueiro naqueles tempos: o teatro do confronto entre guerrilheiros urbanos e as forças da repressão[...]. (istoe.com.br/reportagens 02.mar.12 N° Edição: 2208)

O que é certo é que até hoje a verdade sobre a morte de Marighella é uma incógnita, de um lado os militares tentaram passar a idéia de que Marighella resistiu e estava armado e que por isso teria sido executado, de outro há a versão de que ele foi executado a sangue frio, e todo o restante teria sido armado pelos militares a fim de justificar a ação e inclusive a morte de terceiros que nada tinham a ver com a situação.

Diretriz soviética aos PCs latino-americanos

A década de 1960 vê emergir uma oposição comunista latino americana que pretende fazer frente ao poderio militar do Estado repressor representado pelas Ditaduras Militares. A via armada torna-se caminho quase que unânime entre os movimentos de esquerda, onde estes se dividem em diversos grupos de guerrilha urbana e rural orientados por diferentes linhas marxistas que iam desde trotskistas, marxistas-leninistas, maoístas, dentre outras inspirações de esquerda. A heterogeneidade do movimento de esquerda na América Latina reflete um momento em que a URSS, vanguarda do socialismo mundial, passa por uma reforma interna, onde a partir do XX Congresso do Partido Comunista da URSS, sob a liderança de Nikita Krushev, o governo soviético adota uma postura mais moderada em relação a sua política externa e ao auxílio a eventuais lutas armadas e revoluções populares pelo mundo. As diretrizes soviéticas aos Partidos Comunistas do restante do mundo, e em especial aos da América Latina, são de coexistência pacífica com os regimes capitalistas, e a via democrática como forma para se chegar a um governo socialista. É notório que tal estratégia não poderia ser adotada em países de regimes autoritários e ditatoriais como se verificavam em diversos países da América Latina naquele momento⁵. (HOBSBAWM, 1994)

⁵ Brasil, Argentina, Uruguai, Chile, Bolívia e Peru são exemplos de países latino-americanos que vivenciaram experiências de golpe militar entre as décadas de 1960 e 1970.

Porém este fato apenas evidenciava um acordo feito entre EUA e URSS onde ficaria estabelecido uma política de coexistência pacífica em que o mundo seria dividido em áreas de influência, ficando a América Latina sob a batuta norte-americana. Isso representa para muitos movimentos de esquerda como um abandono e uma traição soviética aos comunistas latino americanos, fazendo com que os Partidos Comunistas de tais países se enfraquecessem como protagonistas da oposição de esquerda, dando início a um movimento diversificado de criação de pequenos grupos e movimentos que iriam adotar táticas de guerrilha urbana e rural inspiradas tanto na Revolução Cubana quanto na Revolução Chinesa, que emergia como um novo protagonista na geopolítica mundial, e sobretudo no movimento comunista internacional.

No Brasil este fenômeno se evidencia na cisão ocorrida no Partidão, o Partido Comunista Brasileiro, onde uma ala irá estabelecer o Partido Comunista do Brasil, pautado na crítica ao revisionismo soviético e alinhamento aos ideais maoistas. Carlos Marighella, membro do Partidão irá romper deste no ano de 1967 por defender a via da luta armada como forma de combater a ditadura no Brasil. Além disso, serão criadas diversas organizações de esquerda como o MR-8⁶ e a ALN⁷, tendo esta última como principal liderança Carlos Marighella.

Ascensão do maoísmo (URSS x China)

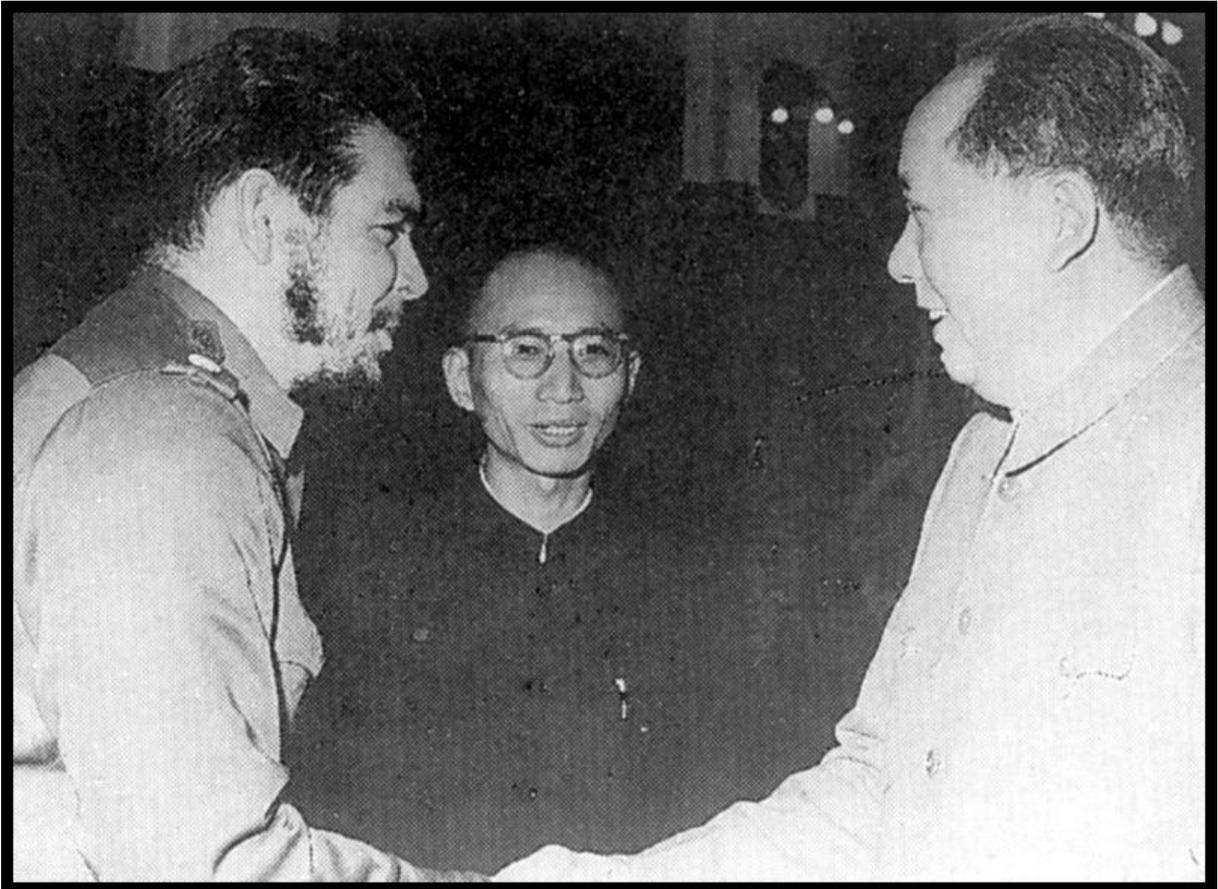
A revolução Chinesa, vitoriosa no ano de 1949 irá representar, sobretudo na década de 1960, uma oposição à URSS no movimento comunista mundial. Mao Tsé-Tung irá criticar a linha revisionista adotada por Kruschev e a consequente desestalinização do país. Para Mao a via pela revolução popular e sobretudo camponesa deveria continuar sendo a principal tática adotada para a conquista do poder e para se chegar a uma revolução socialista popular, inclusive nos países subdesenvolvidos. A partir desse conflito sino-soviético diversos revolucionários e movimentos de esquerda latino americanos se aproximam ao maoísmo, dentre eles podemos destacar Che Guevara.

O Che teve três encontros com Mao. Segundo um biógrafo recente, que não cita fontes, o dirigente chinês teria lhe confiado sua disposição de apoiar a luta de Patrice Lumumba no Congo Belga. O Che deixaria Pequim persuadido da pureza da variante oriental do marxismo-leninismo contemporâneo. A República Popular da China comprometeu-se a comprar 1 milhão de toneladas de açúcar em 1961, e Chu En-Lai homenageou o Che no grande salão do povo. Em seu discurso, o emissário cubano assinalou vários pontos de semelhança entre as revoluções cubana e chinesa, citou o comunismo chinês como exemplo e afirmou que havia se desvendado “um novo caminho para as Américas.” Tudo isso conduziu o

⁶ Movimento Revolucionário 8 de Outubro.

⁷ALN - Ação Libertadora Nacional, organização política de ideologia socialista criada em 1967 com a saída de Carlos Marighella do PCB.

Departamento de Estado de Washington a concluir que o Che tomara o partido de Pequim no conflito sino-soviético, uma conclusão prematura e superficial, mas premonitória. Na realidade, manifestou-se aqui a primeira postura incômoda e no fundo insustentável do Che em torno do conflito sino-soviético: se ele avalizava os resultados ligeiramente antichineses da conferência de Moscou, também expressava simpatia e admiração pela revolução dirigida por Mao Tse-Tung. (CASTAÑEDA, 1997, p. 217)



Primeira visita de Che a China 1960.

A crítica de Che à URSS já se manifestava nos primeiros anos da revolução cubana onde este discordava de medidas consideradas por ele de cunho capitalista como a adoção de incentivos materiais em detrimento de posturas de promoção do espírito coletivo e de solidariedade nos processos de produção da classe trabalhadora.

Carlos Marighella representa bem este fenômeno de alinhamento ao maoísmo, já tivera contato com tal ideologia nos anos de 1953 e 1954, onde foi convidado pelo Comitê Central para conhecer de perto a revolução chinesa. Tal experiência irá marcar suas atitudes durante a década de 1960, especialmente após o golpe militar de 1964, quando Marighella se estabelecerá como uma das principais figuras da esquerda brasileira a adotar táticas de luta armada para o combate ao regime militar.

A ideologia

Diante do cenário político na América Latina da década de 60, em meio a sucessivos golpes militares e à perseguição aos comunistas, que se viam obrigados a agir na clandestinidade, e já sem o apoio declarado da URSS no combate aos regimes capitalistas, uma considerável ala da esquerda viu-se seduzida pela ideologia pautada na luta armada como forma de combate e caminho para a tomada do poder.

Personagens tema deste trabalho, Che Guevara e Carlos Marighella personificarão bem esse momento e essa posição, cada um atuando em seu campo de influência. A revolução cubana e chinesa, e a resistência do Vietnã darão novo ânimo ao movimento comunista no continente, e farão suscitar novas investidas rumo a uma revolução socialista na América Latina.(HOBSBAWM, 1994)

Che Guevara

Che Guevara, após os primeiros anos da revolução de Cuba irá se mostrar cada vez mais contrário a políticas alinhadas às diretrizes soviéticas, as quais considera degeneradas e não mais representantes do espírito revolucionário que deveria fazer surgir uma nova sociedade e um novo homem. Depois de atuar como Ministro do Comércio e Indústria e Presidente do Banco Nacional de Cuba, Che se desligará do governo cubano e partirá rumo a novas experiências revolucionárias pelo mundo. Primeiramente no Congo onde irá participar de um levante de esquerda formado por insurgentes locais apoiados por cerca de 100 internacionalistas cubanos que não terão êxito, após essa experiência se estabelecerá na Bolívia, onde liderará uma guerrilha camponesa como foco na luta armada. A ideologia que movia Che era sobretudo de transformação da ordem vigente, seus discursos confrontavam diretamente o imperialismo, principalmente o norte-americano, que em sua visão impedia a América Latina de trilhar seu próprio caminho, tendo seus países como meros satélites estadunidenses subordinados aos interesses do grande capital internacional, incapazes de realizar as transformações políticas e sociais de que necessitava sua população para um desenvolvimento que abrangesse sobretudo a classe trabalhadora, e não só às vontades da elite oligárquica e a manutenção de seus privilégios.

Paralelo a esta ideologia pan latino-americana Che nutria em si a crença no socialismo como via para se chegar à sociedade a qual almejava, adepto do marxismo-leninismo ele viu na Revolução Cubana uma oportunidade de colocar tal ideologia em prática. Porém no decorrer dos acontecimentos acabou se confrontando com situações que lhe desagradavam, inclusive após ter a oportunidade de visitar países socialistas do leste europeu e a própria URSS. Che conservava um idealismo crítico a qualquer desvirtuação do espírito revolucionário, e criticou inúmeras vezes a maneira como os representantes do governo se comportavam, formando uma espécie de nova elite social e política, onde os

membros do Partido usufruíam de um padrão de vida não condizente com o da classe trabalhadora.

Além disso, um fato que representa sua crítica se refere à sua oposição a adoção de incentivos econômicos aos trabalhadores em Cuba, de maneira semelhante ao que ocorria na URSS e no leste europeu, onde a produtividade era incentivada mediante contrapartidas materiais e individuais, ou seja, Che defendia que os processos de produção num regime socialista deveriam antes de tudo propiciar um ambiente de transformação cultural e ideológica da sociedade e do homem. Acreditava em recompensas simbólicas e não materiais, onde o indivíduo exerceria sua função não em proveito próprio, mas do desenvolvimento coletivo. Vale ressaltar ainda sua preocupação em não permitir que Cuba se transformasse apenas num país satélite da URSS, segundo ele Cuba não deveria se tornar totalmente dependente das diretrizes soviéticas, pois agir dessa maneira seria uma contradição mediante o caráter de luta pela soberania nacional que a Revolução nutriu na população em relação a dependência e interferência dos EUA em Cuba nas décadas passadas.(CASTAÑEDA,1997)

A influência da corrente chinesa é de se destacar na ideologia de Che pós revolução cubana, num momento em que este enxergava na experiência oriental uma vertente mais condizente com os ideais que defendia, pautados na luta popular e no espírito revolucionário como vias para a transformação na América Latina. E foi por essa ideologia que Che Guevara abdicou do sossego de sua juventude na Argentina, foi por essa ideologia que Che desbravou o continente e lutou em diferentes países, por povos que a pouco nem conhecia diretamente, mas que enxergava como povos irmãos e de semelhanças diversas, sobretudo quando identificava um inimigo em comum, o imperialismo e a injustiça social como fatores que impediam o seu pleno desenvolvimento. Tornou-se um revolucionário no sentido mais genuíno que a palavra pode ter, pois colocou em prática aquilo que acreditava como teoria, e mesmo isolado e por diversas vezes em revés não abdicou do sacrifício e da luta, tendo como desfecho sua morte na Bolívia, onde sem apoio do Partido Comunista local e da população camponesa foi capturado pelas forças nacionais treinadas pela CIA e acabou por se tornar um ícone na luta contra as injustiças e o imperialismo.

Carlos Marighella

Atuante de longa data no movimento comunista brasileiro, Marighella iniciou sua trajetória política no Partido Comunista – PCB, tendo sido inclusive Deputado Federal pela Bahia em 1946. Marcada por sucessivas prisões e militância atuante, sua vida sempre esteve associada a luta por um país mais justo e sobretudo por iniciativas que visavam uma revolução socialista no Brasil. Tendo sido um membro atuante do partido durante décadas,

Marighella ganha notoriedade principalmente na década de 60, quando o país vive um momento de profundas transformações após os anos do governo JK.

Com a renúncia de Jânio Quadros e a posse de João Goulart como presidente tem início um movimento popular de caráter nacionalista e de esquerda a favor de profundas reformas sociais e econômicas, denominadas reformas de base⁸, que comprometem o interesse dos grandes capitalistas nacionais e do capital internacional. Como reação a esse movimento é instaurado o golpe militar no ano de 1964, inaugurando um novo momento na conjuntura política do país, o que exigia uma nova postura por parte da esquerda e seus movimentos perante a nova realidade enfrentada.

A partir deste momento a esquerda já não está tão coesa, e inúmeras correntes ideológicas se subdividem a fim de combater a ditadura. O PCB vê vários de seus membros se retirarem em busca de novas formas de atuação, e este acaba ficando isolado na escolha por não combater o regime militar utilizando meios de luta armada, preferindo seguir as orientações ditadas pela URSS. Em contrapartida, Carlos Marighella, que rompe com o partido no ano de 1967, cria junto de outros quadros comunistas a ALN – Aliança Libertadora Nacional, que se configurou como um grupo de esquerda de combate a ditadura militar através do emprego da luta armada, inicialmente no meio urbano, e também com a intenção de se espalhar como uma força atuante no campo a fim de derrubar o poder federal e instalar uma revolução socialista no país. (MAGALHÃES,2012)

Ideologicamente Marighella se identificava como um marxista-leninista, porém avesso à ortodoxia, a qual considerava uma questão muito mais religiosa que política. Um dos episódios que podemos destacar sobre seus ideais ocorre quando do XX Congresso do PCUS – Partido Comunista da União Soviética, em que Nikita Krushev expõe uma série de crimes cometidos por Stalin e assim dá início a um processo conhecido como desestalinização da política soviética. Admirador do líder soviético, Joseph Stalin, Marighella fica estarrecido com tal revelação e passa por momentos de extrema tristeza.

É sabida também a influência chinesa em sua ideologia, sendo que ele inclusive viveu por dois anos no país a fim de conhecer e vivenciar a revolução. Este contato irá definir sua forma de atuação na segunda metade da década de 60, onde enxergará no maoísmo uma corrente mais próxima do marxismo-leninismo original pautado na luta de classes inclusive através do combate armado. Outra revolução que irá influenciar Marighella de forma direta é a Revolução Cubana, encarada por ele como uma espécie de vanguarda no processo de transformação da América Latina, tendo inclusive criado relações com tal regime, tanto que envia a Cuba alguns guerrilheiros para treinar táticas de guerrilha ao lado de Fidel Castro, todos eram comunistas de São Paulo num total de 8 guerrilheiros, sendo

⁸ Nome dado pelo então presidente do Brasil João Goulart às reformas estruturais propostas por sua equipe que incluíam os setores educacional, fiscal, político e agrário.

dois de origem camponesa. “Mariguella é atualmente o único Líder revolucionário brasileiro recebendo conhecimento e apoio de Cuba tendo Fidel Castro dito que põe toda sua esperança em marighella” (MAGALHÃES p. 348)

Além disso a resistência vietnamita inspirava-lhe um exemplo para os povos do terceiro mundo no combate ao imperialismo, e diante desse momento irá pautar suas ações na ALN através da luta e resistência armada como forma de combate à ditadura militar no Brasil.

O sociólogo Florestan Fernandes, em artigo publicado na Folha de São Paulo no ano de 1984, define o papel ideológico de Carlos Marighella no movimento comunista como de grande importância ao se contrapor à passividade do PCB num momento chave para o país, onde o Partido preferiu muitas vezes se aliar a burguesia ao invés de estimular a aproximação com a classe trabalhadora e assim se tornar protagonista no combate à ditadura militar. Para Florestan, Marighella enxergou essa falha estratégica num momento em que isso ainda não era muito claro, e portanto suas ações servem de exemplo de alguém que foi fiel às suas convicções sobretudo marxistas-leninistas, transformando-se assim em uma referência no movimento comunista brasileiro.

Em três pontos, pelo menos, é indispensável tomá-lo como referência de uma purificação marxista dos nossos partidos revolucionários. O primeiro ponto tem a ver com os vínculos diretos da teoria com os fatos concretos e com a realidade, pela experiência crítica e pela ação crítica. Essa orientação é básica para a elaboração de um comunismo made in América Latina, construído por nós, embora com raízes marxistas e leninistas. Ele situa em plano secundário o intelectual “teórico”, eurocêntrico, e repele as “soluções importadas”, que impunham os modelos invariáveis de algum monolitismo soviético, chinês, etc. O segundo ponto é o mais decisivo, pois põe em questão qual é o partido revolucionário que deve surgir das condições econômicas, sociais e políticas dos países da América Latina (e do Brasil, em particular). Uma sociedade civil que repele a civilização para todos e um Estado que concentra a violência no tope para aplicá-la de forma ultra-opressiva e ultra-egoísta envolvem uma barbárie exasperada específica. Tal partido deverá ser, sempre, uma espécie de iceberg, por mais confiável e durável que pareça sua “legalidade”. Isso lhe permitirá interagir dialeticamente nos dois níveis da transformação revolucionária da sociedade – o burguês, por dentro da ordem, e o proletário e camponês, contra a ordem. O terceiro ponto refere-se à aliança com a burguesia, que nunca deveria ter alcançado a densidade e a permanência que atingiu. Um partido comunista dócil à burguesia nunca será proletário nem revolucionário e terá, como sina inexorável, que perverter a aliança política. “O segredo da vitória é o povo”. O eixo de gravitação das alianças está, portanto, na solidariedade entre os oprimidos; em suas lutas antiimperialistas, nacionalistas e democráticas, tanto quanto nas suas tentativas de domar a supremacia burguesa, conquistar o poder ou implantar o socialismo. Em suma, Carlos Marighella era um sonhador com os pés no chão e a cabeça no lugar. Ele ainda desafia os seus perseguidores e merece dos companheiros de rota (e do antigo partido) que levem seriamente em conta sua tentativa de equacionamento teórico e prático do enigma do movimento comunista no Brasil. (FERNANDES, Folha de São Paulo, 1984)

Relação da ALN com dominicanos

Ao procurarmos destacar o momento em que Marighella encontra-se no auge de sua postura combativa fica evidente a necessidade de detalhar o momento vivido a partir da criação da ALN. Esta organização, chamada Ação Libertadora Nacional, movimento revolucionário brasileiro liderado por Marighella, dá início a um dos períodos mais intensos de combate entre forças da oposição e a ditadura militar no Brasil. Através de uma tática com emprego de meios violentos pautados em ideologias de confronto direto com o sistema capitalista, o grupo realizava assaltos a bancos, a carros pagadores com a finalidade de adquirir fundos para a militância. Em todo tempo os guerrilheiros deixavam bem claro que não queriam o dinheiro do povo e sim da burguesia e dos grandes bancos. Com suas ações se tornando cada vez mais ousadas e significativas o regime nacional encarou a situação com grande intensidade e violência. A grande imprensa na época publicava periodicamente notícias policiais em relação ao grupo, associando-os todo tempo como grupos terroristas que tinham a finalidade de instalar o caos e o terror na população. Inclusive segundo o jornal "Diário de Notícias", Marighella e seu grupo fabricavam até armas, e foram encontradas granadas, dinamites e munições de diversos calibres em uma operação da polícia em uma casa em São Paulo. Nesta ação foram presos dois membros da ALN. (Recortes de Jornais, APERJ, Diário de notícias quarta feira 1 de dezembro de 1969).

Sobre este período específico podemos destacar um fato interessante. Marighella, um marxista-leninista por convicção, nestes momentos de intenso confronto com a ditadura militar, recebeu o auxílio de uma importante e crescente ala da oposição no país. Durante o período da ditadura militar no Brasil muitos dirigentes dos movimentos católicos se tornaram militantes pois eram contra o regime militar no Brasil. Os dominicanos trabalhavam com os movimentos estudantis e universitários JEC (Juventude Estudantil Católica) e JUC (Juventude Universitária Católica), e diante de suas colaborações com organizações como a ALN, os conventos passaram a ser alvo de perseguição militar. Os dominicanos se aliaram a ALN para combater a ditadura, os principais foram os Freis Titto, Betto, Fernando e Osvaldo, que ajudam o movimento e Marighella em diversas ocasiões, eles não chegam a pegar em armas, mas ajudam os revolucionários a encontrar abrigo e a sair do país, por exemplo. A igreja ainda não sabia da relação dos dominicanos com a ALN, igreja esta que neste momento encontrava-se dividida entre uma ala conservadora que tinha sido a favor do golpe de 64, e uma ala progressista a favor de profundas mudanças sociais no país, inclusive apoiando movimentos de esquerda.

Considerações Finais

Ao apresentar a vida dos dois revolucionários, Che Guevara e Carlos Marighella, o trabalho procurou expor a ideologia de ambos de maneira a considerar o contexto histórico em que estes se desenvolveram e se lançaram como vanguarda do movimento revolucionário na América Latina. A medida que se aprofundou a pesquisa e análise da ideologia de maneira individual foi possível traçar um paralelo entre eles, movidos por anseios e ideologias semelhantes, pautadas numa visão radical de transformação da sociedade, em especial da latino americana, influenciados pelo marxismo-leninismo com certa medida de idealismo, onde propunham uma revolução política-econômica-social e cultural acima de tudo, onde um novo homem seria moldado, sendo este capaz de se enxergar como membro de um corpo coletivo onde o exercício individual teria reflexos diretos na vida de toda a sociedade.

Foi com este sentimento e essa crença que Che e Marighella se inseriram como protagonistas da história e dedicaram suas vidas em prol de suas ideologias, tendo como principal ponto de convergência ideológica o período compreendido na década de 60, década essa de profundas transformações e agitação em escala mundial. Diante dos acontecimentos já apresentados no decorrer do trabalho podemos destacar essa fase como a mais similar entre os dois. É neste momento que Che irá se lançar como voz e corpo ativo, representando o espírito de entrega que um revolucionário deve ter ao lutar no Congo e na Bolívia, desconsiderando até mesmo a falta de apoio do bloco socialista encabeçado pela URSS. Em contrapartida Marighella viverá o auge de sua luta também neste período, principalmente a partir do golpe militar de 64, quando no fim da década irá criar e liderar a ALN, movimento este que representará a fase mais violenta de combate a ditadura militar no Brasil.

São portando dois exemplos de homens que uniram a teoria e a prática, fizeram da retórica sua cartilha de ações, dedicaram suas vidas em prol de suas ideologias e cumpriram o papel a que se dispuseram até as últimas consequências. Che e Marighella, tão parecidos em vida, terão como comprovação de tal semelhança a própria morte. Ambos serão mortos e executados a sangue frio por representantes do poder constituído, por representantes locais do imperialismo mundial, poder este que dedicaram suas vidas combatendo, e assim como quis o destino, combateram até o fim.

Referências Bibliográficas

AYERBE, Luiz Fernando. A Revolução Cubana / Luiz Fernando Ayerbe. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

- CASTAÑEDA, Jorge G. Che Guevara a vida em vermelho/Jorge G. Castañeda; tradução Bernardo Joffily- São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- HOBSBAWM, Eric, Era dos Extremos O breve século XX. Trad. Marcos Santarrita – São Paulo: Companhia das Letras, 2ª Ed, 2003.
- GORENDER, Jacob. Combate nas Trevas A Esquerda Brasileira: Das Ilusões Perdidas à Luta Armada/ Jacob Gorenader. São Paulo: Editora Ática, 1987.
- GUEVARA, Che, A Guerra de Guerrilhas. São Paulo: Editora EP, 1982.
- GUEVARA, Che, Diário de Che Guevara. São Paulo: Editora Global, 1988.
- MAGALHÃES, Mário. Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- MARIGHELLA, Carlos. Escritos de Marighella, São Paulo: Editorial Livramento, 1ª Ed, 1979.
- MARIGHELLA, Carlos. Mini Manual do Guerrilheiro Urbano. Disponível em: <WWW.SABOTAGEM.REVOLT.ORG>. Acesso em: 12 jan. 2017.
- PRESTES, Anita Leocádia, Luiz Carlos Prestes o combate por um partido revolucionário (1958-1990), 1ª Ed. São Paulo Expressão Popular, 2012.
- TUNG, Tse Mao, O Livro Vermelho. São Paulo: Editora Global, 1972.

Fontes:

Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ)

Filmografia de apoio:

Documentário: Marighella, 2011, Isa Grispum Ferraz.

Documentário: Retrato Falado do Guerrilheiro, 2001 Silvio Tandler.

Documentário: Tempo de Resistência, 2004, André Ristum.

Documentário: Memórias Cubanas Che 40 Anos Depois, 2007 Alice de Andrade.

Filme: Diários de Motocicleta, 2004, Walter Salles.

Filme: Batismo de Sangue, 2007, Frei Betto.

JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO. O Elo Dominicano. Entrevista com Frei Betto. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs07069808.htm>>. Acesso em: 05 set. 2014.

Jornais:

ALAN, Rodrigues. A farsa na morte de Marighella. Disponível em: <http://www.istoe.com.br/reportagens/193279_A+FARSA+NA+MORTE+DE+MARIGHELLA>. Acesso em 10 out. 2014.

JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO. O Elo Dominicano. Entrevista com Frei Betto. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs07069808.htm>>. Acesso: em 05 set. 2014.

Imagens:

Captura de Che. Disponível em: <<http://www.resumofotografico.com/2014/10/fotos-historicas-a-morte-de-che-guevara.html>>. Acesso em: 12 dez. 2014.

Morte de Mariguella. Disponível em:
<

Primeira visita de Che a China. Disponível em:
<http://anterior.cubaminrex.cu/Patrimonio/Articulos/2010/Historicas.html>>. Acesso em: 12 dez. 2014.

Internet:

Artigo de Florestan Fernandes. Disponível em: <[marighella-a-chama-que-nao-se-apaga&catid=6:memoria-pcb](http://www.marxists.org/portugues/tematica/1969/09/04.htm)>. Acesso em: 05 dez. 2014.

Como a CIA matou Che Guevara. Disponível em:<<http://pcrbrasil.org/che-guevara/>> Acesso em: 10 nov. 2014

Manifesto ALN e MR-8. Disponível em:<<https://www.marxists.org/portugues/tematica/1969/09/04.htm>>. Acesso em: 05 dez. 2014.